



IGREJA MINISTERIAL

Desafios e Oportunidades

IGREJA MINISTERIAL
Desafios e Oportunidades

Bispos da Igreja Metodista

1991
Imprensa Metodista

IGREJA MINISTERIAL - DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Secretário Executivo Editorial: *Clovis Pinto de Castro*

Editoração: *Paulo Pena Schütz*

Coordenação de Arte: *Juciene Carrapeiro*

Digitação e Programação: *Maria Zélia Firmino de Sá*

Revisão: *Cristina Paixão Lopes*

Ilustração da Capa: *César Romero Vieira do Amaral*

1991

Imprensa Metodista

Av. Senador Vergueiro, 1301

09750 São Bernardo do Campo - SP

Telefone: (011) 452-1777

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Introdução.....	7
1. A Igreja Ministerial	15
2. Motivos bíblicos da dinâmica dos dons e ministérios.....	25
A. A ilustração do Filho de Deus.....	25
B. A imagem do Servo de Deus.	27
C. A figura do Pastor.	31
3. Serviço, dons, carismas e ministérios: ferramentas da missão divina.	35
4. Fruto do Espírito Santo: implicações nas relações interpessoais	43
5. Serviços, dons, carismas e ministérios: princípios orientadores	49
a. Devem ter uma característica inteiramente autóctone.....	51
b. Devem ser naturalmente missionários.	51
c. Devem ser catalisadores e multiplicadores da ação missionária da comunidade iclesial.....	52
d. Devem ser exercidos em dimensões globalizantes.....	53
e. Devem ser desenvolvidos em um ambiente de devido respeito ao outro, na liberdade dos dons do Espírito.....	53
f. Devem ser desenvolvidos em um clima de oração efetiva.....	54
Conclusão.....	57
Bibliografia.....	59

APRESENTAÇÃO

Acabamos de entrar na última década do século. A celeridade das transformações que se processam no mundo anuncia muitas surpresas para esta quadra. Pois, se o ritmo veloz destes últimos anos repetir-se nesta década, sem qualquer sombra de dúvida, entraremos no novo século envolvidos em visíveis, concretas e radicais transformações na vida social, política, econômica e religiosa. Esta perspectiva é assustadora, levando-nos às seguintes interrogações: que tipo de Igreja ou que forma de comunidade eclesial estamos desenvolvendo para fazer face a estas mutações que se anunciam? Daremos continuidade a esta forma de Igreja institucional que arreda para as margens a Igreja, comunidade povo de Deus, em missão? Insistiremos na divisão de classes eclesiais, onde há docentes que mandam e que ensinam e discentes passivos e acomodados, apenas assistindo a passagem da banda? E, ainda mais, seguiremos nesta mesma linha de Igreja centralizada, voltada para si mesma, prezando, narcisamente, sua forma denominacional e falando demais para si mesma e de menos, para a comunidade ao redor e para o mundo?

Diante destas mutações que se anunciam para o fim do século e destas interrogações que poderiam ser multiplicadas, o Colégio Episcopal apresenta às igrejas, pastores(as), leigos(as) as linhas seguintes destas considerações. O Colégio Episcopal, sensível ao sopro do Espírito Santo, preocupa-se em preparar a Igreja Metodista, a fim de que ela possa, em sua peregrinação profética e missionária, fazer face à tentação de parar. Pois, a Igreja que estaciona segue desmemoriada de sua missão e, por isso mesmo, perde de vista sua razão de ser. A Igreja, em sua realidade total, só existe mesmo no ato da missão. Pode parecer fácil e até mesmo inútil fazer uma pausa para considerar o momento da Igreja, refletindo sobre sua caminhada e assinalando seus riscos e oportunidades, acertos e equívocos. Todavia, a realidade é bem outra, pois somente um reconhecimento preciso e crítico dará condições para chegar a um diagnóstico da situação de crise em que vive. Esta crise é irreversível, mas anuncia condições novas e estranhas que precisam ser adaptadas ao nosso novo estilo de vida, pois, do contrário, nos incomodam.

O Espírito Santo, através de seu sopro purificador, está revelando o caminho para superar o momento de incertezas e vencer os novos

desafios. A revelação está diante de todos: *DONS E MINISTÉRIOS CONFIGURADOS DENTRO DE UMA IGREJA MINISTERIAL*. O estabelecimento desta nova dinâmica dos dons e ministérios, estabelecendo uma Igreja ministerial, é um moroso processo de aprendizagem. Contudo, este desenvolvimento paulatino abre espaços para um processo de crescimento maduro e à prática consciente de uma espiritualidade comprometida. O Colégio Episcopal aguarda que estas considerações sejam úteis para toda comunidade metodista brasileira. Elas apresentam um grande desafio para as nossas igrejas, pastores(as), leigos(as), devendo ser aproveitadas para estudos e reflexões, junto ao grupo das nossas congregações locais. *Igreja Ministerial: Desafios e Oportunidades*, como um tema atual, está em suas mãos. É mais uma contribuição do Colégio Episcopal, no sentido de municiar a Igreja Metodista, despertando-a para a realidade do momento atual e, assim, realizar a missão divina de um modo mais afetivo.

Bispo Adriel de Souza Maia
Presidente do Colégio Episcopal

INTRODUÇÃO

Israel em constante renovação

Uma pesquisa histórico-sociológica do povo de Deus, no Antigo Testamento, embora feita pelas ramas, deixa bem claro que aquele povo palmilhou diversas e variadas etapas, em sua longa caminhada histórica. Um comentário mais longo sobre o assunto está fora dos limites destas linhas. Na bibliografia indicam-se obras que fornecem, aos interessados, subsídios mais detalhados. Entretanto, aqui, à guisa de informação, faz-se uma ligeira referência, lembrando aquelas fases, com algumas explicações resumidas sobre as mesmas. O povo de Israel, em seu vaivém, passou por diversas etapas, tais como: dos patriarcas, do deserto, da caminhada das tribos, da vida nacional, da comunidade religiosa, depois, do exílio e da diáspora. Uma análise destes estágios mostra que, em cada um deles, desenvolveu-se uma realização diferente, dentro da mesma dimensão fundamental. Isto quer dizer que aquele povo, crendo no mesmo Deus, percorreu, sucessivamente, realidades idênticas, mas em níveis diferentes, pois, dentro de um plano fundamental, caminhou em degraus desiguais.

Percebe-se ainda que, em cada uma daquelas etapas, desenvolveu-se um período de formação, de amadurecimento ou destruição, porém, cada fase deixava um saldo: o povo tornava-se mais paciente, mais particular ou específico, mais puro, mais idêntico com a sua vocação e mais livre de elementos alheios. Este vaivém das tribos do povo de Israel não foi um planejamento que partiu dele mesmo. E, por isso, levantaram-se formas de resistência a todas as transformações que surgiram. Houve perseguição aos líderes e profetas que anunciavam renovações e mudanças, pois o povo não enxergava outras realidades, além daquelas que eles tinham em mente. Ocorreu, na verdade, uma espécie de imposição divina, se assim pode-se dizer, sugerindo que abandonassem o passado e se desprendessem de todas as peias que lhes impediam as transformações e mudanças em sua caminhada.

A transformação radical do cristianismo

Com o evento do cristianismo, a mensagem do Evangelho promoveu uma total transformação histórica, dando novo sentido às diversas etapas da jornada do povo de Deus. Pois, antes de Jesus Cristo, a Palavra de Deus era uma constante na vida daquele povo, referindo-se a ele mesmo. Agora, porém, no Novo Testamento, o processo desenvolveu-se em condições diferentes, porque a Palavra de Deus já não era simplesmente comunicada aos mesmos ouvintes; cada novo estágio coincidia com uma espécie de saída para ir ao encontro do mundo, estabelecer novas igrejas e novos grupos cristãos, entre os não crentes, em uma dimensão de verdadeira e autêntica renovação espiritual. Ainda mais, cada nova fase representava uma nova etapa da missão e a sucessão dos estágios afetava o que promove o essencial da nova situação, isto é, a missão e a efusão do Espírito Santo.

O texto de Atos dos Apóstolos mostra como o Espírito Santo agia, abrindo espaços para a Igreja nascente em sua ação profética e missionária. Uma leitura atenta do texto coloca-nos a par de um grande contraste, entre Atos 1.8 e 8.1. No primeiro texto, encontra-se a orientação do rumo expansionista programado pelo próprio Jesus Cristo: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (At 1.8). Porém, no segundo texto, está clara a transição de uma nova fase para outra: “Naquele dia levantou-se uma grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém; e, todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria.”

Será oportuno perceber que os sete primeiros capítulos de Atos referem-se, especialmente, à Igreja de Jerusalém. Eles focalizam aspectos iniciais de uma Igreja que nasceu no Pentecostes. Atos 8.1 dá início a uma nova unidade que vai até 13.1, onde o realce é A DISPERSÃO DA IGREJA. Entende-se bem que a Igreja que foi constituída em Jerusalém foi dispersa: “e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos”. Sem dúvida alguma, a Igreja saiu de si mesma. Dizem que a águia, a certa altura da criação de seus filhotes, desmancha seu ninho. Procede desta forma quando eles estão prontos para aprender a voar, a fim de que não fiquem apegados ao ninho, pois, se assim o fizerem, nunca aprenderão a voar. A Igreja de Jerusalém foi sacudida pela perseguição, motivando uma grande dispersão. Aquela era uma Igreja estática, mas, com a

perseguição, inicia-se uma nova fase da missão. A águia começou a desfazer o seu ninho.

A dispersão seguiu por diversos caminhos, em missão: Filipe desceu, indo para Samaria anunciar o Evangelho (At 8.4-8); depois, o mesmo Filipe dirigiu-se para Gaza, no mesmo propósito (At 8.26-40); no caminho de Damasco, Ananias vai ao encontro de Paulo (At 9.10-19); mais adiante, no caminho de Lida, Pedro realiza prodígios na ressurreição de Dorcas (At 9.36-43) e, logo depois, Barnabé realiza sua estupenda viagem missionária, buscando encontrar-se com Paulo, com quem trabalhou algum tempo, em Antioquia (At 11.22-26).

Mais adiante, ainda no capítulo 13, inicia-se uma nova fase, com a primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Os primeiros versos do capítulo 13 são típicos de uma separação missionária, sob os auspícios do Espírito Santo. Poder-se-ia ir um pouco mais longe nestas considerações, contudo, estas são suficientes para mostrar a dinâmica da Igreja, em diversos níveis, saindo de si mesma em busca da missão.

O tradicionalismo das Igrejas de hoje

Dando uma olhadela no panorama da comunidade eclesial, hoje, conclui-se que as Igrejas rigidamente tradicionais são, por sua própria natureza, débeis e fracas em sua missão e em suas forças de renovação espiritual. Para superar o impasse desta incapacidade e debilidade, ganhar novo alento e entusiasmar-se, a fim de movimentar-se e renovar-se, será necessário desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e seu ministério dinâmico voltado para o povo; será preciso abrir-se para uma nova e real efusão do Espírito Santo.

É perfeitamente compreensível que a missão não se desenvolva em sentido de extensão progressiva e de acordo com o núcleo inicial. A cristandade, em sua jornada histórica, caminha, cresce, avança e se desenvolve, chegando, porém, um momento em que a própria Igreja mostra-se incapaz de superar e vencer as fronteiras de sua caminhada. Esta incapacidade não significa ausência de recursos, como, muitas vezes, alega-se. Mas esta inabilidade da Igreja resulta de sua permanência no passado, atada e amarrada ao conservadorismo. Desta sorte, não consegue libertar-se do peso de sua estrutura estática. E, assim, tolhida pelo jugo de sua organização, não encontra espaços disponíveis para entrar em estreito contato com os homens e mulheres que escapam para fora dos limites de sua ação.

Nestas condições, somente uma autêntica abertura de espaços mais amplos, ao sopro do Espírito Santo, poderá restaurar suas forças e capacidades, a fim de vencer as barreiras e caminhar ao encontro da missão. Sem dúvida, o Espírito Santo continua velando, diuturnamente, sobre sua Igreja, pois ela é seu habitat natural. Mas a manifestação do seu poder e de sua graça só se farão sentir, de um modo imediato, quando encontrar espaços humanos sensíveis e abertos ao sopro de sua ação. Esta provocará um dinamismo direcionado para além das fronteiras da comunidade eclesial, criando boas condições para nova espiritualidade.

A partir desta nova espiritualidade, novos grupos vão se organizando e novas igrejas vão surgindo. A missão ganha novas dimensões em função destes novos grupos e, ao mesmo tempo, como a ação do fermento levedando toda massa, processa-se a transformação e renovação total da comunidade eclesial. Esta é uma lição muito preciosa que a Igreja, hoje, precisa aprender, à vista das realidades dos eventos atuais. Ela atinge o ápice de seu estatismo, onde tudo parece estar emperrado em sua missão; a estática, a indiferença e o comodismo tornam-se características comuns do seu estilo de vida; seu crescimento é parco, fazendo-se na mesma dimensão biológica do povo de Israel e, assim mesmo, em sentido bem restrito, porque os seus próprios filhos não têm sido alcançados, de um modo geral; movimentos de despertar são articulados, mas, na maioria das vezes, caem no vazio, justamente porque não existem condições para superar as estruturas além dos níveis já atingidos.

Porém, a situação poderá mudar, quando desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e seu ministério orientado para o povo e abrir espaços a uma nova efusão do Espírito Santo; quando sair de si mesma, sacudindo os adereços de sua estrutura, derrubando as grades do templo que agrilhoam os agentes da missão; conscientizar-se de que lá fora, nos becos e vielas, nas praças e na periferia, no burburinho urbano ou na frescura da zona rural, está a tarefa, o serviço e a missão. Os novos grupos que vão sendo criados além das fronteiras da comunidade eclesial iniciam sua caminhada em termos de um Evangelho mais lídimo e mais simples. Eles, outrossim, desvencilham-se do complexo amontoado que a comunidade eclesial acumulou no decorrer do tempo, partindo para uma vivência evangélica mais autêntica.

O Espírito Santo num mundo de mudanças rápidas

Viveu-se, sempre, em termos de transição e mudança. Contudo, as transformações, hoje, são mais rápidas, envolvendo o mundo inteiro. As rápidas mudanças de hoje anunciam as mutações que deverão ser feitas na forma de comunicação da mensagem cristã. Estas novas realidades que surgem englobam as comunidades urbanas e rurais e envolvem os diversos níveis da indústria e da tecnologia. O Espírito Santo continua soprando sobre sua Igreja, coordenando sua orientação, diante dos novos tempos que vão chegando. A mensagem e o testemunho cristão não podem ficar restritos aos limites do templo. Será preciso sair, pois o desafio de Jesus Cristo, cujo ministério foi junto ao povo, aponta-nos a direção: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”, “vós sois testemunhas destas coisas”, “(...) e sereis minhas testemunhas tanto em JERUSALÉM como em toda JUDÉIA e SAMARIA, e até os confins da TERRA” (Mc 16.5; Lc 24.28; At 1.3).

De um modo geral, imagina-se uma Igreja monolítica intocável, empacotada e pronta, sem retoques e mudanças, em sua maneira de agir e promover a missão. Olvida-se, entretanto, que a Igreja é o novo Israel de Deus, em sua caminhada histórica. Na histórica jornada espiritual daquele povo estão as raízes filosóficas e teológicas da Igreja cristã. A assembléia do Antigo Testamento é a mesma assembléia do Novo Testamento. De outro lado, existe, no Antigo Testamento, a vocação de um povo escolhido e de uma nação santa. Esta mesma idéia persiste no Novo Testamento, agora, porém, nação santa e escolhida, não mais fundada em ritos exteriores ou qualidades raciais, e sim alicerçada em Jesus Cristo, salvador de todos os homens e mulheres, e na atitude espiritual de todos eles (Fl 3.3; Rm 4.16). Debitadas as diferenças de espaço, tempo e condições, pode-se afirmar que a Igreja, hoje, renova, como corpo de Jesus Cristo, a caminhada do povo de Deus, no cumprimento da missão.

A maneira de ser da Igreja é a mesma ao longo do tempo, definido-se como o corpo de Jesus Cristo e tabernáculo do Espírito Santo. Esta sua maneira de ser, na verdade, é intocável e é o seu essencial e fundamental, pois, ela é divina, cristocêntrica e pneumática. Contudo, sua maneira de agir, por isso mesmo, promove e desenvolve a missão do Reino de Deus, em mutações, diante da realidade em que vive. Seu objetivo é continuar, sob os auspícios do Espírito Santo, a proclamação do Evangelho, atualizando, ostensivamente, o ministério de Jesus Cristo,

levando em conta as realidades atuais que exigem, sempre, respostas positivas e coerentes para os problemas vigentes.

Na verdade, a Igreja não tem respostas prontas e acabadas. Mas ela, também, como vanguarda de Deus no mundo, não deve continuar respondendo no vazio, isto é, dando respostas a perguntas que não são feitas mais por quem quer que seja. Pensar na Igreja é pensar em mutações e movimento, isto porque ela, como todos os cristãos, está em um mundo que caminha, cada dia, em uma velocidade incrível e do qual não poderá abstrair-se. Não se pode entender e compreender uma Igreja, como comunidade de fé, à parte de um mundo em permanente transformação, onde tal fé deverá ser vivida, refletida e proclamada. Entende-se, perfeitamente, que a vida cristã está ligada ao movimento.

A bem da verdade, dizer “eu creio” não corresponde a um glossário de proposições e verdades básicas. Porém, “eu creio” está atado a uma história que, sem dúvida, refere-se à história de uma aliança. A quadra em que se vive, hoje, diz respeito a um momento daquela história e daquela aliança. Muitos de nós desejamos que a Igreja seja semelhante a um museu arqueológico, onde se guardam as raridades do passado. Mas, a Igreja não é um templo das musas e nem tampouco um antiquário. Ela é semelhante a uma antiga fonte cristalina de uma cidade, que abasteceu com suas águas as gerações do passado e continua dessedentando as gerações do presente. Chegou o momento de colocar um ponto final em uma Igreja fora da onda. Já é tempo de as igrejas locais colocarem uma pá de cal nos velhos e surrados padrões de trabalho, nos mesmos conjuntos e estruturas, e assistirem à morte das antiquadas e mofadas formas de vida eclesial, cantarem réquiem aos antigos e soleníssimos sistemas teológicos e aguardarem a ressurreição de uma Igreja voltada para o mundo e suas mais urgentes necessidades.

A brisa do Espírito Santo está movendo e ele não cessa de fazê-lo, pois somente este zéfiro divino dar-lhe-á as condições necessárias, a fim de sentir-se, à semelhança de Jesus Cristo, a força do alto para um autêntico desempenho ministerial, hoje. Jesus Cristo assim o sentiu: “O Espírito do Senhor está sobre mim (...)” (Lc 4.16-19).

O caminho da Igreja Metodista

A Igreja Metodista, como ramo da Igreja cristã universal, mesmo dentro de uma caminhada histórica de todas as instituições eclesiais,

batalha e busca ser fiel ao cumprimento de sua missão. Nesta luta, seus espaços ao hálito do Espírito Santo vão se alargando. Ele, em sua ação, poder e graça, vem quebrantando indisposições, libertando e despertando seus membros para uma nova caminhada mais vibrante e entusiasta, na jornada da missão. A monção do Espírito Santo vem sacudindo os laços de sua estrutura tradicional, comum a uma Igreja centrada no clericalismo. Desta sorte, ela vai-se libertando em direção a uma Igreja ministerial, onde tudo se move à mercê dos dons, carismas e ministérios distribuídos pelo Espírito Santo (1Co 12.1-11; Ef 4.7-8).

Assim, a Igreja Metodista, pela graça de Deus, assume, ostensivamente, a dinâmica dos dons e ministérios, ensaiando seus primeiros passos numa jornada de uma Igreja ministerial. Esta é a forma ideal de comunidade para o momento, onde se desenvolve o ministério total da Igreja e todas as capacidades voltam-se para o serviço do Reino de Deus. O desenvolvimento de uma Igreja ministerial não significa uma exclusão do(a) pastor(a), pois ele(a) é parte natural do corpo de Jesus Cristo e é, também, um dom dado pelo Espírito divino, para o serviço da missão na comunidade local (Ef 4.11-12). Cada congregação local carece de uma orientação segura em termos de coordenação. Esta poderá muito bem ser desenvolvida pelo(a) pastor(a) e porque não dizer que a coordenação do povo de Deus é um dom indispensável na caminhada missionária e profética da Igreja.

A nova caminhada da Igreja Metodista, em termos de uma Igreja ministerial, passa, penosamente, pelo estreito. Mas é no estreito que se alcança o sublime e o elevado. Esta nova jornada da Igreja Metodista depende de muito amor, oração, jejum, renúncia, humildade e fé, pois levantam-se muitos espantalhos diante deste novo roteiro de ação. Mas o Espírito Santo está velando sobre ela. Inspirado pelo Espírito divino, diante do grande desafio missionário entre os gentios, o apóstolo Paulo dirige-se aos irmãos em Éfeso, em termos de oração, sugerindo-lhes humildade, mansidão, longanimidade, capacidade de suportar uns aos outros, em amor, esforço e diligência, a fim de preservar o vínculo da paz (Ef 4.1-6).

Em face da nova proposta de trabalho da Igreja Metodista, alguns irmãos(ãs) arrepiam carreira, com receio de algumas conseqüências da abertura ao sopro do Espírito Santo. Outros, saudosistas, possivelmente olhando para o passado, cruzam seus braços, temerosos de descer à arena de luta na missão, em condições ministeriais, onde a entrega é total. Contudo, o Espírito Divino, em sua tarefa santificadora, continua in-

sistindo com eles, insuflando-lhes sua graça e poder e, inclusive, sugerindo-lhes um quebrantamento pessoal. Outros, porém, pela graça de Deus, entusiasmados com o novo dia que está raiando na vida da Igreja Metodista, buscam mais intensamente a plenitude do Espírito Santo e abrem mais espaços em sua vida cristã para uma espiritualidade conscientemente comprometida com a realidade da missão hoje. Estes certificam-se de que somente o Espírito Santo poderá santificar, dinamizar e capacitar todo povo de Deus para o desempenho da missão, na comunidade de fé.

Sem dúvida, a libertação dos carismas, capacidade e ministérios dados pela ação e graça do Espírito Santo, mesmo que sejam os dons mais simples, fará brotar, na vida de cada fiel, um sério compromisso para o exercício da missão, edificação da comunidade eclesial, bem como sua edificação dentro do mundo. Nesta caminhada, todos os óbices serão desbaratados e os corações serão quebrantados pela manifestação da graça do Espírito, pois a obra é dele e, assim, as muralhas hão de cair.

A Igreja Metodista assumiu, de um modo ostensivo, a caminhada dos dons e ministérios, que são uma característica básica de uma Igreja ministerial. Não se quer sugerir com esta afirmação que antes ela não levasse em conta os dons espirituais. Em sua dinâmica de ação, dons e ministérios foram sempre uma realidade. E não poderia ser diferente, já que dons e ministérios constituem uma verdade bíblica inquestionável. Imaginou-se, entretanto, uma dinâmica de dons e ministérios através de cargos, funções e ofícios, o que, na verdade, só muito raramente poderá acontecer. Agora, porém, em sua nova trajetória ministerial, cargos, funções e ofícios são uma questão secundária, porque o fundamento de sua dinâmica ministerial é o serviço prestado, através dos dons, carismas e ministérios. Estes, enquanto instrumentos de trabalho ministerial, encontram francos espaços para sua ação profética e missionária, envolvendo todo povo de Deus na organização de uma IGREJA MINISTERIAL. Esta é, sem dúvida, a forma eclesial credenciada para o nosso tempo.

A IGREJA MINISTERIAL

Sem descer a pormenores de conteúdo histórico, pois estes detalhes desviariam do assunto aqui proposto, afirma-se que a Igreja Metodista, em sua dinâmica histórica, desenvolveu, até aqui, um nível de Igreja clerical. Sem dúvida, nesta experiência clerical, nossa Igreja cumpriu sua missão, houve crescimento expansionista e, de qualquer modo, ela apresenta uma folha de serviços prestados ao Reino de Deus. Tudo que se tem hoje, em nossa Igreja, é trabalho de uma comunidade clerical. Contudo, conclui-se que a missão foi cumprida, mas de um modo pálido. Nossa Igreja é mais que centenária em nossa Pátria. Entretanto, nossa gente e nosso povo, de um modo geral, continua expoliado, as injustiças continuam sendo uma realidade gritante, os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres, por sua vez, ficam cada vez mais miseráveis, numa penúria que não tem medida; as condições da vida brasileira estão criando subhomens e submulheres, pois as condições nutritivas são as mais precárias possíveis e o sistema de saúde está falido.

À vista deste quadro brasileiro, cuja imagem no exterior está manchada pelo descrédito, pergunta-se: mas, afinal, que tem feito nossa Igreja Metodista, no que tange ao preparo cristão wesleyano? “Reformar a nação e, de um modo especial, a Igreja e espalhar a santidade bíblica sobre a terra”. É verdade, em pouco mais de cem anos, nossa Igreja Metodista cresceu, expandiu, adquiriu imóveis e construiu templos e congregações. Porém isto não basta.

As limitações da Igreja clerical

A comunidade clerical, com toda gratidão que lhe devemos, não conseguiu transformar as relações entre as pessoas, a fim de que a santidade da vida pudesse tornar-se realidade entre nós. A comunidade clerical, por

sua própria natureza, criou e alimentou o comodismo, o individualismo e o indiferentismo do laicato, pois o clérigo era o homem chave da congregação, tendo todas as rédeas paroquiais em suas mãos.

Os leigos comportavam-se como ouvintes passivos e assistentes apáticos, assistindo ao espetáculo, enquanto a missão mesma ficou um tanto marginalizada.

E, pior ainda, em todos estes anos de trabalho no Brasil, a Igreja Metodista não conseguiu levar a comunidade metodista a um nível satisfatório de identificação cultural, especialmente no que tange à identificação de sua mensagem com as condições de nossa gente marginalizada pelas desesperanças. Há, possivelmente, outros motivos co-responsáveis por este estado de coisas, mas, sem dúvida, a comunidade clerical tem, nesta situação, uma porcentagem maior. Em face desta pálida ação missionária e pouca identificação, a Igreja Metodista, como povo de Deus em missão, tem uma dívida para com o povo brasileiro, pois, sem qualquer sombra de dúvida, os propósitos que Deus tem para a nossa Igreja Metodista em terras brasileiras ainda estão para ser cumpridos.

A persistência em manter uma comunidade clerical significa continuar na mesma linha, à margem de uma dinâmica missionária mais agressiva, mais plena. Pois aquela forma eclesial levanta óbices diante de uma real preocupação integral com a pessoa humana hoje, a quem o Evangelho se dirige. Se a Igreja Metodista deseja superar equívocos e saldar sua dívida com o povo brasileiro, deverá, à mercê da graça do Espírito Santo, abrir-se ao desenvolvimento de uma comunidade ministerial. Esta abertura para uma congregação de todos, onde todo o povo de Deus pode ministrar e servir, é iminente e o momento é o mais oportuno possível para esta transição. A dinâmica da comunidade ministerial motivará a todos os fiéis, na caminhada do processo de maturidade e de uma espiritualidade comprometida com a missão divina.

A comunidade clerical, centralizada em um líder clerical, não oferece condições satisfatórias para um maciço crescimento maduro, de todos os fiéis. Pois estes, na maioria das vezes, são manipulados pela liderança clerical que, por vezes, impõe-se, em termos de autoritarismo. Sem dúvida, a forma de organização clerical inibe a dinâmica individual e comunitária. Entretanto, a Igreja ministerial proporciona a todos os membros uma participação espontânea, através dos dons e ministérios e, por isso mesmo, sua dinâmica é curativa e libertadora. Aqueles que se abrem ao sopro do Espírito Santo, buscando tornar-se um dom de Deus dado à comunidade, por mais simples que seja o seu dom, caminham para um

processo de cura interior, encontrando, em sua participação espontânea, estímulos concretos para amadurecer, onde existem alvos que apontam para uma espiritualidade comprometida com a missão do Reino de Deus.

Por estas e outras razões, já está passada a hora de dar meia-volta no pêndulo da dinâmica eclesial, colocando a Igreja em seu verdadeiro e autêntico nível: *IGREJA MINISTERIAL*. Esta é, sem qualquer rodeio, a forma eclesial que tem condições de cumprir a missão divina, hoje, diante da problemática do mundo atual, especialmente no Brasil.

Até agora, a comunidade eclesial tem sido organizada em dimensões clericais. Mas, as condições do momento mostram, com sinais garrafais, que naquela linha ela continuará marcando passo na realização da tarefa missionária que é, por excelência, sua razão de ser. A Igreja clerical já fez a sua parte e já deu a sua contribuição. Urge, agora, descentralizar os destinos da missão, da liderança clerical para a liderança total do povo de Deus. O momento é mais que oportuno para uma redescoberta real do SACERDÓCIO UNIVERSAL DE TODOS OS CRENTES. O Espírito está soprando neste sentido, a sua ação é ininterrupta. Porém, para que a ação de sua graça seja realmente viável, ela deverá encontrar espaços abertos na vida eclesial e individual.

Aquela mutação, transformando a comunidade clerical em comunidade ministerial, não significa atacar, menosprezar, desfazer ou destruir aquilo que foi feito, até o presente momento, pela Igreja, em nível clerical. Pois foi sobre o que aí está que se edificou nossa vida cristã, até agora. Dar uma pincelada para mudar e renovar significa atualizar os mecanismos da missão da Igreja, redescobrimdo realidades que se arredaram para as margens, em sua caminhada histórica.

Reconhece-se, sem dúvida, que em todos estes anos passados, ela vem cumprindo a missão, mas o tem feito em termos de conta-gotas. Agora, o momento é mais que propício e o tempo está maduro para um despertar que envolva todas as camadas da Igreja e seus diversos segmentos na sociedade. Uma Igreja monolítica, inflexível, fechada a mudanças e determinada por uma disciplina rígida e demasiado exigente, dificilmente poderá ser uma Igreja missionária, especialmente dentro da realidade atual. Uma Igreja de portas trancadas não está preparada e nem em condições de responder aos clamores de toda sorte que se levantam ao redor. Por vezes, vislumbra-se a vontade de mudar, porém a inflexibilidade de suas estruturas torna sua mensagem inassimilável pelos homens e mulheres de nosso tempo.

O que é uma Igreja ministerial?

Esta é uma pergunta comum que se pode fazer. O conceito de Igreja ministerial talvez não caiba ou não se comporte bem dentro de uma definição lógica que exija a presença do gênero próximo e a diferença específica. Contudo, arrisca-se a formular uma definição: Igreja ministerial é o corpo de Jesus Cristo vivo e em ação, hoje, sob os auspícios do Espírito Santo, envolvendo todos os seus membros na dinâmica da missão divina no mundo. Na realidade, dizer Igreja ministerial implica, por força de linguagem, em uma redundância. Igreja, em si mesma, melhor, Igreja cristã, em si mesma, já quer dizer ministerial. Pois a igreja ou é ministerial ou então não é Igreja de Jesus Cristo, vanguarda de Deus no mundo, atualizando os ministérios do seu Senhor e Mestre.

Dizer Igreja ministerial é também dizer Igreja carismática, se bem que esta expressão não seja do agrado de muitos. Mas, agrade ou não, a verdade é uma só: a Igreja cristã é carismática, pois ela vive sob a ação das graças do Espírito Santo que nela está presente de modo permanente. Ele age na Igreja de um modo ordinário e, outrossim, Ele é a alma e o ambiente da comunidade eclesial. Sua ação manifesta-se de modo diferente, mas o faz dentro de uma missão única: a edificação do Reino de Deus. Não é possível entender a Igreja e muito menos a realidade espiritual da pessoa humana, sem qualquer referência ao Espírito Santo (Jo 14.16-31; 20.19-23; 16.12-15).

A IGREJA CRISTÃ sempre foi ministerial, pois é a comunidade povo de Deus, de serviço e ministério para todos, sem qualquer distinção de classe ou de posição. Na língua grega, havia diversas palavras para designar “povo”, mas preferiu-se, entre todas elas, a forma “*laós*”, pois esta exprime um relacionamento singular entre Israel e Deus. Israel foi declarado como “o meu povo, Israel” (Êx 3.1-7). Ainda mais, ele foi convidado a identificar o Senhor da criação como o “Deus de Israel” (Sl 69.6; 1Sm 2.30). No Novo Testamento, o “*laós* de Deus” continua sendo reconhecido como o povo da aliança em Jesus Cristo. Todos os judeus e gentios são igualmente convocados entre as nações, a fim de se tornarem “*laós*”, povo de Deus, chamados pelo seu nome (At 15.14).

Não há dúvida que “meu povo” expressa uma relação inclusiva com Deus e refere-se a todo o povo e não apenas a um grupo ou classe de fiéis. Em Israel, o profeta, o sacerdote e o homem comum, todos, eram incluídos igualmente na aliança e todos encontravam sua identidade nesta relação

com o Senhor. O mesmo deverá acontecer na Igreja, pois nela participamos de uma mesma identidade, “Jesus Cristo é tudo em todos”.

Face a estas explicações, embora sucintas, não há base para divisões de classes ou posições, na vida do povo de Deus. Toda comunidade de fé partilha de um mesmo chamado e tem a mesma identidade. Contudo, mesmo à vista desta realidade, que deve ser conhecida de todos, de um modo geral, insiste-se na distinção entre clérigos e leigos e, lá no fundo, ventila-se um pouco de ar hierárquico. Não se descobriu ainda, e não se desconfiou, apesar das evidências bíblicas, que nestas falhas dos cristãos, em não compreenderem que cada um de nós, homens e mulheres, em qualquer nível profissional, é chamado para o exercício do ministério, reside uma das causas principais do fracasso da Igreja moderna, diante de sua missão para alcançar o mundo. Tarda-se muito em dar sentido prático e real ao “sacerdócio universal de todos os crentes”. Este princípio tem sido, apenas, uma verdade teórica na dinâmica da missão da Igreja. A realidade do nosso tempo, em transição galopante, implica em rever o clericalismo.

Esta operação, passagem de uma Igreja inteiramente colocada nas mãos dos clérigos para uma Igreja assumida por todos os membros do povo de Deus, isto é, Igreja totalmente ministerial para ser totalmente missionária, não significa dar um aviso prévio aos pastores e pastoras e à liderança pastoral que afestá. Pelo contrário, deseja-se reforçar o sentido da vocação pastoral, como um dom entre os demais, conferido pelo Espírito Santo para o serviço total na comunidade eclesial. Aquela revisão significa, outrossim, abrir espaços para a participação de todo o povo de Deus, distribuir as responsabilidades da missão com todo o povo de Deus, descentralizar o dinamismo missionário e profético das mãos de um grupo e distribuí-los para todos os membros da Igreja, implantando, sem mais delongas, o **MINISTÉRIO TOTAL DA IGREJA**.

O papel do pastor na Igreja ministerial

O ministério total da Igreja não exclui o(a) pastor(a), pois sua presença é importante como um dom dado à Igreja, entre os demais (Ef 4.11). Na comunidade eclesial, há uma missão especial à sua espera: coordenar a dinâmica da igreja local, despertar e encorajar os membros da Igreja no desenvolvimento de seus dons, carismas e ministérios, ajudar no discernimento das prioridades na missão local e das necessidades reais

existentes, orientando os carismas e dons que as atendem. E, sobretudo, o(a) pastor(a), coordenando as atividades da congregação local, deverá ser um autêntico elo de unidade e comunhão, na vida da comunidade eclesial, pois são níveis importantes em sua caminhada profética e missionária.

Desta forma, o sentido fundamental da ação pastoral consiste em:

-ação coordenativa dos diversos dons e carismas, estar atento, a fim de descobrir novos dons existentes mas que ainda não estão devidamente reconhecidos;

-promover os que estão em franco dinamismo, animá-los, entusiasamá-los;

-dar direção segura aos dons e carismas, orientando-os em direção aos projetos da comunidade, com habilidade e amor;

-orientar, exortar os que estiverem equivocados, colocando assim em perigo a unidade congregacional.

A função do pastor ou pastora, como um dom entre os demais, na comunidade de fé e serviço, não consiste na acumulação de funções mas na integração dos diversos carismas dentro da comunidade, objetivando a missão divina. O ministério da unidade pode ser um expediente da Igreja total, mas, sem dúvida alguma, o pastor ou pastora assume-o de um modo mais consciente, mais concreto e mais ostensivo.

Poder-se-ia argumentar um pouco mais, destacando que na Igreja ministerial há um lugar para o pastor e a pastora, porém, o que se destacou acima dá para ter-se uma visão bem clara do que seja o ministério pastoral, hoje, na caminhada da missão da Igreja ministerial.

O MINISTÉRIO TOTAL DA IGREJA é uma das características fundamentais da Igreja ministerial. Esta tem seus motivos ministeriais no ministério de Jesus que, na verdade, foi fecundo, como nos apontam Mt 4.23-25; Lc 6.17-19; Mc 1.21 - 2.14; Mt 9.35-38. Jesus Cristo foi enviado aos homens e mulheres. Todos os seus seguidores e apóstolos deram continuidade à missão, pois todos eram mediadores da mensagem salvífica que Jesus Cristo veio anunciar. Mensagem tal que alcança a todos os homens e mulheres em sua intimidade, autenticidade e totalidade. A Igreja, como corpo vivo de Jesus Cristo, também dá seqüência à sua missão. A mensagem não é da Igreja; ela apenas comunica e atualiza a notícia do seu Senhor e Mestre.

Ao dar continuidade à mensagem de Jesus Cristo, a Igreja é, outrossim, enviada aos homens e mulheres de nosso tempo. Porém, este trânsito da Igreja em busca da pessoa humana a torna peregrina à semelhança de seu Senhor que foi enviado de Deus aos homens, em sua

missão repleta de obstáculos (Mt 7.15-29). Como seu Senhor, a Igreja é, também, peregrina no mundo. E ela não poderá deter-se em si mesma, pois sua natureza implica em ser enviada.

Parece um tanto estranho dizer que a Igreja é peregrina. Mas não há motivos para estranheza, conscientizando-se que ela atualiza, na mesma estrada, a missão de Jesus Cristo. No evangelho de Marcos abundam as expressões *logo, em seguida, depois, todavia, ora, então*, deixando claro o dinamismo, a pressa e a continuidade do trânsito de Jesus Cristo, cumprindo sua missão de salvar, indo e vindo em busca de todos. A Igreja existe para fazer esta viagem, também, aproximando-se das pessoas, onde elas estiverem e quaisquer que sejam as condições sociais em que vivam.

A Igreja é sempre peregrina

A qualificação “peregrina” dada à Igreja lembra alguns fatos importantes que se deve conhecer, pois são de suma importância para o desempenho da missão, hoje. Ser peregrina implica em:

- ser flexível no modo de cumprir a missão; em sua peregrinação ela transita, indo e vindo ao encontro de pessoas desconhecidas; cada pessoa é, em si mesma, um arcano de ações e reações que nunca se esgotam e, além do mais, cada uma tem um estoque cultural diferente e pertence a gerações também diferentes;

- o essencial da Igreja é o mesmo e é intocável, mas o modo de colocar este essencial diante das pessoas desconhecidas, moldadas por culturas e gerações diferentes, deverá ser em níveis de flexibilidade;

- nesta flexibilidade não há como eleger fórmulas fixas e estereotipadas, gestos pré-fabricados, empacotados e prontos; em sua flexibilidade, a Igreja deverá libertar-se das culturas antigas, a fim de estar completamente livre de todas as peias que possam emperrar a comunicação da mensagem a todos os homens e mulheres.

A Igreja ministerial é esta comunidade peregrina que transita de Deus indo em busca da pessoa humana. Nesta peregrinação, deverá dar pleno espaço ao Espírito Santo, a fim de vencer a tentação de parar e sustar a mobilidade da mensagem. Sem dúvida, a Igreja trabalha para esposar doutrinas corretas e essenciais, porém deverá estar cônica de que sua exagerada preocupação com a ortodoxia poderá eliminar sua

preocupação missionária, sepultando, deste modo, a missão. Uma Igreja demasiadamente preocupada com a ortodoxia dificilmente será uma Igreja missionária. Isto porque, abarrotada de fórmulas doutrinárias, encontra-se desprovida de instrumentos para comunicar-se com as pessoas, homens e mulheres, que a cercam.

Percebe-se que, por vezes, uma Igreja fala demais e seus próprios membros, com o passar dos dias, ficam intoxicados com a fartura doutrinária que possuem. Outrossim, este falar demais a si mesma a leva a esquecer-se de falar ao outro e ao mundo ao redor. Como um círculo vicioso, a Igreja que fala e ouve demais a si mesma estabelece condições tais, que a missão caminha, mas muito vagarosamente, a passos de tartaruga.

Os sinais dos tempos estão aí, diante de nós, exigindo novas formas de proclamação da mensagem. Teria sido bem mais fácil para Jesus Cristo encaixar-se dentro da tradição do judaísmo; teria havido, sem dúvida, uma maciça adesão dos judeus. Porém, a missão teria sido muito prejudicada. O Espírito Santo inspirou a Paulo para proclamar a mensagem aos gregos. E assim o fez, não somente para que os evangelizasse, mas também, a fim de que descobrisse o cerne da mensagem. Sua permanência na comunidade judaico-cristã ter-lhe-ia tolhido a possibilidade de receber o conhecimento de Jesus Cristo, na vida e testemunho dos novos cristãos da Grécia.

O Espírito divino está sempre intervindo na missão. Os sinais estão desafiando a Igreja Metodista a sair de si mesma, derrubar suas paredes de isolamento, cortar o cordão umbilical com nêveis tradicionais que impanam sua dinâmica e libertar-se de sua condição de “Igreja pró-Igreja” e projetar-se na “Igreja para o mundo”. O Espírito Santo está soprando e os sinais estão diante de nós:

- Levanta-se uma nova comunidade cristã, no mundo atual.
- Passos estão sendo articulados a fim de ir ao encontro do outro.
- Assiste-se a uma mudança extraordinária, em todos os segmentos da vida, especialmente a transição de uma civilização rural, na simplicidade de vizinhança, para uma civilização de vida urbana, onde mudam-se as ferramentas de trabalho, modificam-se as formas de relações humanas e espirituais em um processo de secularização incontrolável.

Considera-se que agora é hora dos leigos. De um modo geral, verifica-se que, na vida comum do laicato sem ordenação religiosa, sem officios, sem formação doutrinária e, às vezes, até sem dignidade no seio da Igreja, é onde reside o autêntico modelo de vida cristã. Há um desejo acentuado hoje para o viver cristão que se confunde com o viver cristão dos leigos.

O alvo da missão, hoje, não é expansão desta ou daquela igreja, por mais gigantesca que seja sua estrutura. O objetivo da missão, agora, é a criação de novos núcleos de igrejas e congregações novas que, com seu modo de viver cristão, regenerem as igrejas tradicionais, abrindo caminho para o ministério do laicato. A Igreja ministerial não clericaliza os leigos, mas laiciza os clérigos.

A opção metodista

À mercê do sopro do Espírito Santo, a Igreja Metodista optou pelo nível de uma Igreja ministerial, onde os dons, ministérios e frutos do Espírito Santo movimentam sua dinâmica de trabalho, onde seus membros, em lugar de terem um cargo ou uma posição, são dons do Espírito Santo dados à Igreja, para o desempenho da missão. A sorte está lançada e não há como voltar atrás, pois a caminhada deve ser irreversível. Esta escolha poderá custar caro, mas este é o caminho que o Espírito Santo está apontando para a Igreja. Ela, em nome do Deus trino, desafia todos os seus membros, homens e mulheres, jovens, juvenis e crianças, a fim de que todos tomem uma posição positiva e decisiva, nesta nova jornada da missão.

Para esta nova empresa será necessário nascer de novo, renunciar muito, sepultar as idéias preconcebidas, os preconceitos e os lugares comuns e libertar-se das estruturas que já não falam mais, na hora atual, e ouvir bem a voz do Espírito. *QUEM TEM OUVIDOS OUÇA O QUE O ESPÍRITO DISSER ÀS IGREJAS.* Dons, carismas e ministérios são uma realidade bíblica indiscutível. Deus chama homens e mulheres, para que dêem sua contribuição nos propósitos de sua obra criadora e libertadora e, por isto mesmo, providencia os instrumentos necessários para tal empreendimento. No Antigo e no Novo Testamento, há vestígios destes instrumentos concretos. O Espírito Santo conferiu dotações especiais, capacidades, carismas, dons e ministérios, para que homens e mulheres participem na obra do Reino de Deus. Este expediente está muito claro, tanto no Antigo, como no Novo Testamento.

MOTIVOS BÍBLICOS DA DINÂMICA DOS DONS E MINISTÉRIOS

Na maioria das vezes, no que tange à dinâmica dos dons e ministérios, volta-se exclusivamente a alguns textos paulinos que examinam o assunto de um modo mais direto. Olvidam-se, entretanto, outros textos e idéias que mais fundamentam o tema, especialmente na dinâmica missionária do Antigo Testamento. Deixa-se, desta sorte, de ver os dons e ministérios com base na história vivida pelo povo de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Por exemplo, o sacerdócio universal de todos os crentes alicerça-se nos dois testamentos, porém, aquele princípio da Reforma tem sido tratado como se fosse um expediente sem fundamento bíblico. De vez em quando, alguém pergunta sobre o fundamento bíblico daquele princípio, mostrando desconhecer suas bases na Palavra de Deus.

Dons e ministérios são expressões do amor e da vontade de Deus revelada na pessoa de Jesus Cristo. Elas são, outrossim, graças do Espírito Santo, que agiu no Antigo Testamento, através das dotações especiais, atuou no Novo Testamento, em termos de dons, carismas e ministérios e continua operando, na dinâmica da Igreja, capacitando o povo de Deus para a missão e atualizando seus instrumentos de ação, por meio de dons e ministérios. Estes estão espalhados por toda Bíblia, onde há motivos que os fundamentam; motivos estes que poderão ser encontrados na vida e ministério de Jesus Cristo. Vejamos alguns destes motivos, especialmente através da *ILUSTRAÇÃO DO FILHO DE DEUS*, da *IMAGEM DO SERVO DE DEUS* e da *FIGURA DO PASTOR*.

A. A ILUSTRAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Sem descer a detalhes e pormenores outros, verifica-se que, no Antigo Testamento, a expressão ou título *FILHO DE DEUS* era usada

em três dimensões principais: foi empregada para os mensageiros especiais de Deus, tais como: anjos e messias; foi usada, outrossim, para os reis e monarcas e, também, para designar o povo de Israel. Ao rei, dava-se o título de Filho de Deus, como um vocacionado divino para um desempenho determinado, porque também ele era do povo.

Vejam alguns destes usos no texto. Moisés recebe ordem de dizer ao faraó: “Assim diz o Senhor: Israel é meu filho primogênito” (Êx 4.22). “Quando Israel era menino eu o amei”, e “do Egito chamei meu filho” (Os 11.1). O povo de Israel diz a Deus: “Mas tu és nosso Pai (...)”, dando a entender que Israel era filho de Deus (Is 63.16). Em Isaias e Jeremias, os israelitas, em conjunto, são chamados de “filhos” e eles os qualificam como “filhos rebeldes” (Jr 3.20; Is 45.11; Sl 82.6; Jó 1.6; 2.1; 38.7; Sl 29.1). Em todos estes textos, onde aparece filho ou filhos de Deus, há a idéia de uma vocação divina para uma missão particular, com a ressalva de uma obediência absoluta.

No Novo Testamento, Jesus Cristo recebe o nome de “Filho de Deus”. E este foi um título através do qual a comunidade primitiva confessava sua fé em Jesus Cristo. Houve, sem dúvida, uma confissão de fé, nestes termos: “Jesus Cristo é o Filho de Deus”. No evangelho de João e na epístola aos Hebreus, o conceito “Jesus Cristo, Filho de Deus” é uma realidade cristológica fundamental. A expressão era também um termo preferido na cristologia paulina. Marcos deu, outrossim, uma importância particular àquele título, pois consta que intitulou sua obra da seguinte maneira: “Jesus Cristo, Filho de Deus”. O uso da expressão aplicada a Jesus Cristo deu mais vida e força ao significado do título: ser vocacionado para realizar a obra do serviço divino, em uma pauta de irrestrita obediência a Deus.

A importância da família

Em face destas considerações sobre a expressão “Filho (ou Filhos) de Deus”, onde a vocação para o serviço divino era uma tônica, recorda-se que aquela expressão lembra, outrossim, laços de relações familiares, sendo que, na vida do povo de Deus, as relações familiares tinham um valor sagrado. A família, de acordo com a origem do termo, pressupõe a idéia de serviço. Jesus Cristo fez algumas declarações sobre a família, tais como: “E, estendendo a sua mão para os discípulos, disse: minha mãe e meus irmãos. Por que qualquer que fizer a vontade de meu Pai

celeste, esse é meu irmão e minha mãe” (Mt 12.49-50). A comunidade cristã deveria viver em termos de uma família, onde está presente o amor fraternal contido na idéia de irmão e irmã (Ef 2.19; 3.15). Outrossim e bem freqüente, o apóstolo Paulo usa a linguagem familiar, lembrando a figura do filho: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8.16,17).

Também a promessa de Deus enfatiza a nova revelação, libertando aqueles que se encontravam escravizados sob os rudimentos do mundo: “(...) para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebessem a adoção de filhos. E porque vós sois filhos (...)” (Gl 4.1-7; Ef 3.6; Tt 3.7). Ainda mais, todos os membros da família de Deus, além da mútua relação fraternal, têm também uma responsabilidade única: “levei as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Ainda mais, Jesus Cristo, em seu tratamento íntimo com seus discípulos, anunciou-lhes que deviam servir em seu lugar, dando continuidade à missão do Reino de Deus. Além do mais, os primeiros discípulos criam que o ministério de Jesus Cristo, *O FILHO DE DEUS*, consumava o propósito redentor divino que deveria ter sua continuidade através do testemunho e serviço de toda comunidade eclesial. Seus seguidores, pela fé, membros daquela comunidade, pelo batismo, tinham a incumbência de dedicar-se à missão divina autenticamente comprometida com a realização do Reino que o *FILHO DE DEUS* inaugurou.

Desta maneira, o cuidado pastoral, em todas as suas formas, envolvendo todos os homens e mulheres em sua totalidade, é uma tarefa a ser desenvolvida por toda família cristã. Pois ela e todos os seus membros são co-herdeiros com Jesus Cristo e, por isso mesmo, também responsáveis pelo serviço do Reino. Para o cumprimento deste empreendimento missionário, o Espírito Santo distribui dons, graças e carismas, a fim de que a Igreja, com toda a sua grei, participe da missão salvadora do *FILHO DE DEUS*.

B. A IMAGEM DO SERVO DE DEUS

O serviço do Reino de Deus encontra um modelo dinâmico na ilustração do Filho de Deus. Ser filho de Deus é sentir-se vocacionado para servir a Deus. Mas os motivos dinâmicos para servir à missão divina no mundo envolvem também a figura do(a) Servo(a) de Deus. Este é,

outrossim, um título muito significativo nas páginas da Palavra de Deus. Ser servo(a) de Deus é pertencer-lhe. Neste sentido, foi usado para diversos personagens bíblicos, tais como: Jacó, Moisés, Josué, Isaque, Davi, bem como para outros personagens fiéis a Deus (Gn 32.9-10; Nm 12.7-8; Js 24.29; Dt 9.27; 2Sm 3.18; 2Rs 10.23). Servo de Deus era aquele que trabalhava no serviço divino e estava sujeito a Ele. Identificar-se com o serviço divino confirmava o chamado vocacional e envolvia a idéia de povo especial (Ne 1.6; Sl 105.25; 135.14; Is 63.14).

A condição de servo do Senhor indicava também uma dimensão de adoração e completa dependência de Deus. Assim, servo de Deus era aquele que celebrava, era também a comunidade de Israel desenvolvendo suas mais variadas formas litúrgicas, tais como celebração de suas festas, e assembleias, no Templo, e o estabelecimento da aliança (Sl 113.1; Êx 7.16). Servir a Deus era, pois, motivo de grande satisfação para o servo. Porém, a dimensão de servir não constituía um fim em si mesma, pois o estilo de vida exarado na Lei, em termos de amor e justiça, visava testemunhar a todas as nações a presença e o poder de Deus (Rt 4.6-8).

O serviço divino tomava também feições de uma atitude moral, em dimensões de fidelidade, diante de Deus: “Israel é o servo de Deus” (Sl 69.37; 102.15; Is 41.6-9; 43.10; 44.1,2). Afirmção como tal envolvia todas as relações do povo com Deus e de Deus com todo o seu povo. Deus chama a Israel de “o meu servo” porque o vocacionou, exigindo obediência total à sua vontade. O trecho de Isaias 40-45 deixa bem clara a relação de Deus com Israel e o texto narra esta relação em dimensões exaustivas. Porém, uma pesquisa sobre o servo de Deus no Antigo Testamento não poderá fazer omissão dos quatro cânticos examinados pelo profeta Isaias. Eles são conhecidos pelo nome de “os cânticos do Servo” (Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-10; 52.13 a 53.12). Sem descer a maiores detalhes, destaca-se aqui uma resumida apreciação à beleza poética e profética destes cânticos do Servo de Deus.

Vejamos:

- Is 42.1-4. O Servo receberá o Espírito de Deus. Sua proclamação inclui o direito dos gentios. Sua vinda não se dará com alardes. Não negará a cana quebrada e nem apagará o pavio fumegante (Is 42.2,3a). Esta é uma referência aos renegados e marginalizados da sociedade. O Servo do Senhor acolherá os feridos, os indignos, os rejeitados a quem dará muito valor. Não haverá desânimo na tarefa do Servo do Senhor e nem quebranto no cumprimento da missão, pois Ele irá até o fim, pondo o direito na terra (Is 42.3b,4).

- Is 49.1-6. Descrição do Servo do Senhor como uma arma nas mãos de Deus (49.21). Parece de balde sua atividade, porém esta concorreu para que Israel fosse reunido ao Senhor (Is 49.4,5). Na verdade, o Servo do Senhor é uma luz para os gentios, a fim de levar a salvação até os confins da terra (49.6).

- Is 50.4-9. Aqui, com rara habilidade literária, refere-se à profunda sensibilidade do Servo do Senhor diante da voz de Deus. Esta característica dá condições ao Servo para proclamar a boa palavra ao cansado. Sua obediência, como servo, acarreta sobre Ele o seguinte: acusação injusta; Ele é provocado e cuspidado, mas, mesmo em face de tudo isto, permanece em plena obediência a Deus e fiel ao cumprimento de sua missão (Is 50.8).

- Is 52.13- 53.12. Parece que esta mensagem é a mais conhecida dentre os cânticos do Servo. Ela narra a discussão da morte do Servo por nossas transgressões. Seu sacrifício verá sua posteridade e prolongará seus dias (52.10 e 53.11); o Servo não será reconhecido pelos homens (53.1, 2). Ele é desprezado pelos que não compreendem sua obra, em face de sua lealdade a Deus (53.3). Beleza e majestade são qualidades que Ele possui (53.2). Sofreu em silêncio e viveu sem enganar a quem quer que fosse e, através de sua obra, os homens foram libertados de seus pecados e foram justificados. No juízo final, Ele será exaltado pelo Senhor (53.4, 5, 7, 9, 11, 12).

Sem dúvida, os profetas estavam mais que cientes do fracasso de Israel na meta de ser um servo obediente, em sua maneira de servir a Deus. E, assim, o profeta Isaias compara o povo de Israel a uma vinha. Mesmo tendo sido esta plantada e cuidada por Deus, seus frutos tornaram-se amargosos. Em face desta falha do povo de Israel, em sua dimensão de servo, os profetas tratam da questão sob dois ângulos:

- Apesar do fracasso do povo, Deus confirmava a aliança pactual com ele. Os profetas narram este evento em linguagem de rara beleza, deixando claro que Deus ainda chama o povo de Israel e o trata como servo. E mesmo diante de seus descaminhos, Ele promete-lhe a redenção final (Is 44.21; 49.3; Jr 30.10; 46.27, 28).

- Outra forma de abordar a desobediência do povo de Israel, pelos profetas, à vista de sua rebeldia, era anunciar a vinda de outro servo que não iria falhar. Desta sorte, surge a proclamação que se refere à sua vinda: os cânticos do Servo. Estes textos tratam do Messias que vem, como um rei prometido, a fim de desempenhar o papel de Servo de Deus.

Há diversas interpretações detes cânticos do Servo, compostos em versos líricos pelo profeta Isaias. Contudo, Jesus Cristo viu neles a imagem